

APRESENTAÇÃO

LER E ESCREVER

Nesta edição da *Revista Abril*, reúnem-se reflexões em torno das duas grandes linhas de investigação da arte literária - os estudos culturais e os seus aportes teóricos - com destaque para temáticas do “outro”, do “coletivo” e do “feminino” ao lado de discussões sobre o “ler” e o “escrever”. Tal orientação contribuiu para homenagear duas grandes escritoras portuguesas já desaparecidas: Maria Judite de Carvalho, nascida há 100 anos e Maria Gabriela Llansol, que teria completado 90 anos em 24 de novembro de 2021.

Os trabalhos aqui publicados se distribuem em três categorias - estudos sobre obras de ficção, análises de poesia e artigos críticos sobre as duas autoras homenageadas, incluindo-se um inédito completo de Maria Gabriela Llansol e fragmentos do manuscrito, gentilmente disponibilizados pelo Espaço Llansol de Lisboa. Por fim, segue-se uma entrevista com ABDULAI SILA, escritor guineense de língua portuguesa.

Os primeiros dois artigos sobre obras de ficção adotam uma perspectiva lúdica, ensejada pelas obras, seja na análise comparativa entre literatura e cinema, seja nos desdobramentos entre o real e o ficcional. Escrever como filmar e filmar como escrever é o jogo que se estampa no texto intitulado “*Short movies, wrong move: defesa de uma narratividade errante em Gonçalo M. Tavares e Wim Wenders*”, onde Frederico Klumb e Franklin Alves Dassie aproximam a obra do autor português a um filme de Wenders como uma experiência de expansão dos gêneros e da narratividade em perspectiva comparada.

Em “Cartas reencontradas, de Pedro Eiras, no romance (histórico?) português contemporâneo”, o autor do artigo, Felipe Frasson Fusco, discute os meandros da metaficção no romance de Pedro Eiras que trata das supostas cartas de Fernando Pessoa, “reencontradas” pelo escritor, crítico e professor universitário. A discussão do artigo nos leva a pensar que o ficcionado leitor

das “cartas” - no caso o “Pedro Eiras” do romance - parece comungar da dor do escritor real Pedro Eiras (e de todos os admiradores de Pessoa) em vista do irreparável extravio das famosas respostas de Pessoa às cartas existentes de Sá-Carneiro. Trata-se de uma intrincada interdiscursividade que oscila entre gêneros (cartas; romance) e formas (ficção; romance histórico) numa vertente lúdica da literatura atual.

Ainda sobre ficção, as duas análises seguintes observam a cena contemporânea de modo disfórico, ressaltando as mazelas que acometem os seus personagens. O artigo de Carlos Henrique Soares Fonseca, “Ana Margarida de Carvalho e a subversiva escrita da crueldade”, sobre o conto “A última ceia”, tem o mérito de reunir e confrontar estudos sobre a obra da jovem e premiada escritora que culmina na necessidade de a Literatura ensinar os homens a encontrar respostas para o mal e a crueldade como “abuso e gozo”, que atingem, não só os marginalizados, mas ainda a máquina “normal” da sociedade. Para além da denúncia, um outro humanismo parece urgente, como afirmou Mônica Figueiredo (2020) ao detectar no texto da escritora, “um realismo extremamente preocupado com a alma humana” frente à “atmosfera de infortúnio e desamparo” que permeia a contemporaneidade.

Ao percorrer senda temática semelhante, o artigo de Wagner Santos Araújo justapõe a obra e a sociedade contemporânea sem esquecer de acentuar (ou denunciar?) a ausência de empatia entre ambas. Em “*Uso errado da vida*, de Paulo Rodrigues Ferreira: uma proposta de análise das personagens e seus temas como índices do contemporâneo”, o articulista dá relevo a uma obra inusitada ou, pelo menos, rara, em que a crueza do relato se deve sobretudo a uma focalização narrativa isenta de julgamento de valor, atitude que de resto fica exclusivamente a critério do leitor.

Três são os trabalhos voltados para a discussão da poesia, o primeiro sobre um poeta – Gastão Cruz¹ – e os demais sobre Fiamma e Llansol em perspectiva ora isolada, ora comparada, onde se observa no primeiro as relações de sintonia da poeta com a cidade e no segundo as suas afinidades com aquela que se dizia um *corp`a` screver*.

Em “Gastão Cruz: testemunha do tempo”, Paulo Braz destaca a face intertextual do poeta para evidenciar a singular relação de aproximação e distância com que ele incorpora a letra dos colegas, poetas que lhe interessam mais, a saber, Herberto Helder, Ruy Belo, Fernando Pessoa, entre outros. O artigo aponta para a relevância do ofício poético em que o ler/escrever circula entre dois grandes temas-problemas universais: o tempo e a morte.

Mônica Genelhu Fagundes assina o artigo “Inscrever Lisboa com raios de sol e outros instrumentos agudos: a cidade na poesia de Fiamma Hasse Pais Brandão, onde investiga a escrita “esporcente” (cf. Derrida, “que tem esporas”) de lavra especificamente feminina praticada por Fiamma ao enquadrar, sob seu olhar agudo e arguto, as imagens que lhe chegam aos olhos, da cidade como *estilo* (forma e ponta) e como *estigma* (ventre forte/mulher). Para tanto se vale do pensamento de Nietzsche via Derrida, de Dante via

Auerbach, de Freud, Bataille e de outros, em aproximações intersemióticas com o altar da Sé de Lisboa e o conjunto escultórico e relato alusivo ao *Êxtase de Santa Teresa de Jesus*, de Bernini, na Igreja de Santa Maria della Vittoria, em Roma.

Estudiosa da mesma poeta, Susanna Dias de Faria convoca um “Encontro entre Fiama Hasse Pais Brandão e Maria Gabriela Llansol: o processo alquímico da escrita”. Ao selecionar certas obras das escritoras, a articulista identifica em ambas um trabalho na língua como experiência alquímica com o objetivo de alcançar “algo que faça sentido”, em busca de uma verdade, nem nova, nem velha, mas delas.

O primeiro artigo das homenagens é a colaboração convidada de João Barrento - “Llansol: o canto do cisne” - que discute a última obra da autora - *Os cantores de leitura* (2007) - dedicada à memória de Eduardo Prado Coelho, também fino leitor da escritora. O crítico realiza uma abordagem deste texto combinada à primeira obra - *O livro das comunidades* (1977) -, detectando na sua trajetória a presença constante de um “fundo de espiritualidade imanente” que percorre os seus três tipos de comunidade: a da diáspora; a da ordem figural do cotidiano; e a da epifania da leitura. Para o professor (jubilado) da Universidade Nova de Lisboa e Presidente da Direção do Espaço Llansol, elas se resumem a uma “comunidade trans-humana”, não utópica, mas epifânica, agregadora e lugar do “canto de leitura do texto, do mundo e do Outro”.

De modo esclarecedor, Gisele Seeger, em seu artigo intitulado “*Um beijo dado mais tarde* e a (des)aprendizagem da leitura”, trabalha a imagem da leitura de “Ana ensinando a ler a Myriam”, com base em Barthes, contra o poder da língua e pela liberdade de “trapacear com a língua, a língua”. O texto retoma as afirmações da escritora em prol do “sexo de ler” (fazer algo com o que se lê), do ato de ler, da recusa da metáfora e do “como se”. O trabalho faz um introito ao *como ler*, mas também reapresenta o convite de Llansol para “escrever *com*” a viva vida. Por fim, lembra-nos a familiaridade entre os termos *existência* e *êxtase* como forma vibrátil de *estar* que busca estados ao substituir a narratividade pela textualidade

Andrezza Jaquier discorre sobre o gesto duplo da escrita de si (forma e método) em “Escrever Diário: a experiência da escrita em *Um falcão no punho*, de Maria Gabriela Llansol”. Nesta articulação entre diário, cotidiano e mulher, a articulista entende que a obra em análise se faz às avessas das regras do gênero segundo Blanchot. Para a autora, o assunto da obra lhe parece menos o cotidiano e mais uma prática da escrita, que é o “duplo de viver”, incluindo aí afetos e encontros. Neste caso considera o “cotidiano como método de passagem à dimensão textual”. De forma continuamente didática, são submetidos à discussão ao longo deste Diário I de Llansol vários conceitos de Llansol, tais como a *figura* e o *ler e escrever*, este último visto como “desposseção” (cf. Silvína Rodrigues Lopes) em que “aquele que lê passa a escrever”.

“Do universo obsceno de Jesus: sobre ‘Joshua, companheiros e amantes’ de Maria Gabriela Llansol” é o título do artigo de Jonas Miguel Pires Samudio que, no texto aludido (‘Joshua, companheiros e amantes’, publicado na *Colóquio Letras*, 97, maio 1987), estuda a legência de Llansol sobre Jesus e a figura de “Ana que ensina a ler Myriam” em *Um beijo dado mais tarde*, interpretando-se Myriam como “aprendizagem” e “texto [o] que se ensina”. Trata-se da “Terna reciprocidade que tinha origem na origem de ler”. Assim surge um corpo a ler que também escreve: “Ana que ensina a escrever a Myriam – e não mais a ler”. Dividido em quatro “traços” e um “outro anel”, o artigo articula leitura, escrita, sua polêmica e seu risco, lembrando o ano de 1600 quando da queima do filósofo/monge que na sua escrita/pensamento depositou sua verdade, a qual Llansol acrescenta a “boa nova” da “palavra feminina”.

Tomando como objeto de análise passagens da obra *O começo de um livro é precioso*, Luís Maffei realiza uma leitura da alegria llansoliana contra as “opressões muito contemporâneas” que se fazem entre equilíbrio e desequilíbrio, na “aventura de uma alteridade sempre em expansão”. Sob o título “Llansol e a potência da alegria” o autor remonta às ideias de Spinoza e recorre a Nietzsche e Deleuze para falar de “Evolução afirmativa” e de feminino na obra de Llansol.

O trabalho final de homenagem à escritora retoma exatamente este último viés sob o título “A escrita feminina no *Texto Catarina*”, onde Lúcia Castello Branco, pesquisadora convidada da UFMG e UFBA, desenvolve uma reflexão sobre o que considera a “escrita feminina” que, segundo sua hipótese, se concretiza no *Texto- Catarina*, no qual se observa a figura llansoliana do “feminino de ninguém”, ou “a existência de um *corp’à’screver* o feminino de ninguém” ou ainda “a do ninguém de um certo feminino”. A este conceito, a articulista aproxima o que “Llansol chamou de ‘terceiro sexo’, o “sexo da paisagem”. Nesta direção o viés de análise não é exatamente o corpo de Llansol, nem o corpo de seu legente, “mas um corpo que se escreve a partir do inconsciente do texto e do inconsciente de quem lê”, espécie de “nudez” que não pode compartilhar “senão com o ‘legente.’” Ao tomar de Llansol a expressão “escrita” enquanto “palavra feminina como eu”, a articulista alude aos deslizamentos de fulgor no legente sempre em mutação e que também pode se chamar Catarina.

Para findar as homenagens, a professora Lélia Parreira Duarte estuda a questão do “esquecido” em contos e crônicas de Maria Judite de Carvalho, na perspectiva de Giorgio Agamben, para quem os esquecidos são aqueles que permanecem imemoráveis e sem nome, desprovidos de importância e mesmo de existência, mergulhados no desespero de suas vidas nuas. Mostra assim que a escritora portuguesa faz justiça a homens, mulheres e crianças – esquecidos –, cujos sonhos parecem constituir-se apenas como registros de frustrações e desespero. Com Agamben e seus estudos sobre a melancolia, conclui que Maria Judite de Carvalho, observadora cuidadosa dos males de uma sociedade de esquecidos, encontra a própria realização

ao representá-los com sua arte da escrita e do desenho, em que as palavras nítidas apenas revelam a trapaça da arte e a ligeireza cruel que permite ironicamente brincar com a morte e a falta de perspectiva de uma vida digna. E assim testemunha a cultura – e os males – do seu tempo, com a ambiguidade que se poderia associar às figuras mitológicas de Perséfone e Orfeu e à sua arte em trânsito entre a morte e a vida, o que nos faz lembrar Kafka, que escrevia para livrar-se de suas atormentadas heranças.

Encerra-se o volume com a entrevista “A outra face do escritor guineense Abdulai Sila” sob a direção de Adulai Baldé e Maria de Fátima Maia Ribeiro, onde se vislumbra o sentido da *dívida* do cidadão em relação à pátria, que se esfumou nas nações modernas, mas que persiste nestas que se firmaram após a guerra colonial em África, sobretudo. É esta uma responsabilidade acertada e bela que a literatura põe à mostra quanto à Guiné-Bissau na palavra de Abdulai Sila.

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira (UFF)
Ângela Beatriz de Carvalho Faria (UFRJ)

NOTA

1 Lamentavelmente, Gastão Cruz faleceu no dia 20 de março de 2022, na cidade de Lisboa, aos 80 anos, quando se ultimava a edição deste número da *Revista Abril*.